



## IDENTIDADE GUARANI: ONTEM E HOJE<sup>1</sup>

### IDENTITY GUARANI: YESTERDAY AND TODAY

Rosana Hass Kondo<sup>2</sup>

Leticia Fraga<sup>3</sup>

**RESUMO:** Partindo do pressuposto de que a identidade não é “dada ao nascer” (HALL, 2006), mas sim construída cotidianamente e continuamente (BAUMAN, 2005), procuraremos neste trabalho proceder a uma retrospectiva acerca da Cultura Guarani da comunidade indígena da aldeia do Pinhalzinho – Tomazina, Paraná, bem como das contribuições da escola para o processo de manutenção e/ou recuperação da cultura e memória dessas pessoas. Para isso, abordaremos as transformações identitárias que esse povo tem sofrido ao longo do tempo e também como estes atualmente mantêm ou não suas tradições que (re)definem o que é ser índio (MAHER, 1996) na sociedade atual, considerando a relevância da educação escolar indígena (CAVALCANTI; MAHER, 2005) na implementação de políticas afirmativas desta comunidade perante a sociedade dominante. Este trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla, ainda em fase inicial, que se utiliza da pesquisa qualitativa de caráter etnográfico, cujo objetivo é compreender o processo de construção da identidade dos Guarani da Aldeia do Pinhalzinho, Tomazina - PR, comunidade que foi praticamente suplantada pela cultura dominante, por meio da investigação da(s) língua(s) utilizada(s) na comunidade. Como aporte teórico utilizaremos Mota (1994, 2006), Veiga (2006, 2007), Woodward (2009), Perez (2010), entre outros. Pretendemos com este trabalho possibilitar que as vozes dos Guarani se façam presentes na sociedade de modo que ao menos se amenize o processo de exclusão do qual esse grupo minoritário é vítima.

**PALAVRAS CHAVE:** Identidade; cultura; Educação Indígena.

**ABSTRACT:** Assuming that the identity is not “given at the birth” (Hall, 2006) but daily and continuously built (Bauman, 2005), we will seek to carry out a retrospective about the Guarani indigenous community culture in the village of Pinhalzinho - Tomazina, Parana, and the school contributions to the process of maintenance and / or recovery of their culture and memory of these people. For this, we will address the identity transformations that this people have suffered over time and as they currently do or do not maintain their traditions that define or redefine the meaning of being a native (Maher, 1996) in today's society, considering the importance of indigenous education school (Cavalcanti, Maher, 2005) to implement affirmative action policies

<sup>1</sup> Este uma primeira versão deste texto foi apresentado no Seminário de Bilinguismo em uma comunicação oral em Dourados, 2011.

<sup>2</sup> Professora mestranda (Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG), rosanahass@gmail.com

<sup>3</sup> Professora doutora Leticia Fraga (Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG), leticiafraga@gmail.com



of this community against the dominant society. This work is part of a wider study, still in the initial phase, which uses the ethnographic qualitative research, which focus is to understand the identity construction process at Guarani Village of Pinhalzinho, Tomazina – PR, a community that has been virtually supplanted by the dominant culture, through the investigation of the language or languages used in the community. As theoretical basis we will utilize Mota (1994, 2006), Veiga (2006, 2007), Woodward (2009), Perez (2010), among others. We intend with this work enable the Guarani voices to be present in society in a way that at least soften the exclusion process which this minority group is victim of.

**KEYWORDS:** Identity; Culture; Indigenous Education.

## INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela” (RAJAGOPALAN, 1998, p.41), pretendemos, neste texto, discutir algumas questões relacionadas à(s) identidade(s) dos Guarani da comunidade do Pinhalzinho – PR. Para isso faremos uma retrospectiva sobre a cultura e costumes desses indígenas, considerando aspectos peculiares de sua(s) identidade(s).

Para entender a língua, cultura e memórias de um povo devem-se considerar as influências que essas questões possuem na (re)construção de sua(s) identidade(s). Em se tratando de povos indígenas isto não é diferente, visto que o contato com não-indígenas modificou e transformou as identidades desses povos de modo intenso e violento. Para tanto, é preciso reconhecer que:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13)

Ou seja, diversas identidades (co) existem simultaneamente no mesmo sujeito, dependendo das circunstâncias e momentos, todavia nem sempre de forma harmoniosa. Logo, cabe ao sujeito negociá-las do modo mais conveniente e apropriado. Para as comunidades



indígenas esses conflitos e contradições são ainda maiores, pois estes foram violentamente obrigados a abandonar sua(s) identidade(s) indígena para se relacionar com a sociedade dominante. Entretanto, há que se ressaltar que essas relações são carregadas de conflitos, devido às questões políticas e ideológicas presentes nesses contextos.

Nesse sentido, procuraremos através deste artigo refletir sobre as transformações culturais e sociais sofridas por esses indígenas ao longo dos tempos, além de verificar se eles ainda mantêm ou não alguns resquícios da cultura de seus antepassados e se a educação escolar indígena tem contribuído ou não para que os Guarani do Pinhalzinho – PR tenham condições de amenizar ou reverter o processo de exclusão do qual esse grupo minoritário é vítima.

## **1. METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO**

Sabemos que a construção da identidade ocorre por meio do estabelecimento da diferença, ou seja, o que você é se define em relação ao outro. Nesse sentido comungamos com as ideias de Silva que afirma que “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2009, p.75). Logo, tratar de identidades indígenas é algo bastante complexo, pois nesse contexto as diferenças identitárias podem ser notadas de modo bastante explícito.

Assim, nesta seção trataremos da metodologia e do referencial teórico que será tomado como base para a pesquisa. Como dito anteriormente, este trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla que se encontra em fase inicial. A pesquisa em questão se valerá da pesquisa qualitativa de caráter etnográfico, cujo objetivo é compreender o processo de construção da identidade dos Guarani da Aldeia do Pinhalzinho, Tomazina – PR. Todavia, neste artigo especificamente utilizaremos a pesquisa bibliográfica, o qual tem como objetivo trazer algumas peculiaridades da identidade indígena desses Guarani (Pinhalzinho – PR) e também proceder a uma reflexão sobre a relevância da educação escolar indígena no processo de (re)construção identitária. Para tanto, como aporte teórico utilizaremos Mota (1994, 2006), Maher (1996, 1998),



Bauman (2005), Veiga (2006, 2007), Woodward (2009), Neves (2009), Perez (2010), Hall (2006), Franceschini (2011), dentre outros.

## 2. OS GUARANI DO PINHALZINHO: LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO

A Comunidade Indígena do Pinhalzinho está localizada há 45 km do município de Tomazina – Paraná, às margens do rio Cinzas. Esta comunidade Guarani é composta por 150 pessoas distribuídas em 37 famílias e a área ocupada são 593,00 (Ha). As línguas faladas são guarani e português, sendo que a primeira foi praticamente substituída pela Língua Portuguesa. Quanto à religiosidade, embora mantenham alguns hábitos religiosos de seus antepassados, há também uma igreja católica e outra evangélica.

A comunidade fica próxima a bairros, fazendas e centros urbanos, o que facilita o contato com o homem branco. Os indígenas também sempre se deslocam até as cidades vizinhas para comercializar seus artesanatos, tratamento de saúde, aquisição de utensílios, roupas e alimentos que necessitam. Logo, a língua utilizada nessas transações é o português, o que acaba colaborando para assimilação do código, porém esta realidade descrita não é exclusiva deste local, pois como sabemos as necessidades de sobrevivência levaram os indígenas a se aproximar dos não índios. Conforme assinalado por Guirardello em sua pesquisa no parque do Xingu:

Reconhece-se que há necessidade de saber falar português para o contato com o branco, mas o que incomoda os Trumai adultos é o que os jovens e crianças estão usando o Português nas atividades diárias como se fosse qualquer outra língua xinguana, sendo que ele não é: é a língua do branco, de uma cultura muito diferente da do Xingu. (GUIRARDELLO, 1993, p. 360)



Esta também é uma das preocupações dos Guarani do Pinhalzinho – PR, pois o uso da língua portuguesa está sendo utilizada dentro e fora da comunidade. Por outro lado, eles acreditam que seja impossível se desvencilhar totalmente do português. “Alguns povos entendem ser importante a aquisição da língua portuguesa oral tendo em vista as necessidades decorrentes do contato” (NEVES, 2009, p.236).

Os Guarani<sup>4</sup> habitavam a região litorânea no sul do Brasil, entre Cananéia e o Rio Grande do Sul, o Estuário da Prata, às margens do Rio Paraná, parte do território do Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia. Os Guarani mantêm, ainda hoje, hábitos imemoriais. Falam a língua Tupi e foram atualmente a maior etnia indígena do Brasil em população. Esses indígenas representavam uma sociedade de agricultores e habitavam as melhores áreas do Cone Sul, sendo por isso sempre escorraçados de suas terras. Atualmente vivem nos Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Também Argentina, Paraguai e Bolívia.

De acordo com Mota “A denominação “Guarani” define ao mesmo tempo a população e o nome da língua por eles falada”. (MOTA, 2006, p.13). Conforme Mota (2006) esses indígenas sempre se instalavam próximo a grandes rios e seus afluentes, dificilmente construíam suas aldeias e plantações em áreas campestres, preferindo localizar-se próximo a florestas e cultivar suas plantações em clareiras abertas no meio da mata. Esse é um ponto marcante também nos indígenas do Pinhalzinho, visto que eles habitam as margens do Rio Cinzas e assim como seus antepassados produzem materiais artesanais construídos com matérias-primas retiradas das matas tais como: sementes, palhas, bambu e cultivam alimentos para sua subsistência (arroz, feijão e milho). Esses indígenas também mantêm danças e pinturas corporais os quais são feitas somente nas festas e apresentações. “Os desenhos não são pensados como uma simples forma de decoração do corpo, mas são carregados de um sentido social” (PEREZ, 2010, p.149)

---

<sup>4</sup> Dados retirados do site [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/estaticas/alunos/indios\\_terras.php](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/estaticas/alunos/indios_terras.php). Acesso em: 20/03/2011.



Há também a criação de rebanho bovino com gado leiteiro, começam a formar um rebanho de suínos e possuem alguns cavalos, que utilizam para o trabalho e para o transporte.

Conforme Goes “Estudos arqueológicos e linguísticos apontam para a presença de populações Guarani e Kaingang ao longo da bacia do rio Paranapanema há ao menos dois mil anos” (Góes, 2010, p.03). Para Mota (2006) estudos arqueológicos e linguísticos feitos no leste da América do Sul apontam que os Guarani vieram das bacias dos rios Madeira e Guaporé. Posteriormente passaram a ocupar diversos lugares ao longo das bacias dos rios Paraguai e Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. “A presença indígena é marcada tanto pelos vestígios de sua cultura lítica lascada e cerâmica como pelos vestígios de sua cultura religiosa através de restos mortais encontrados em urnas funerárias” (MOTA, 1994, p.66).

Através destes dados podemos verificar o caminho feito por estes povos indígenas e como ocorreu a ocupação no Paraná. No entanto, o fato de quase não haver registros e documentos sobre esses indígenas (Pinhalzinho) dificulta a precisão de dados, por exemplo, época que vieram a residir neste local, números de indígenas. Portanto, para conhecermos um pouco mais sobre os indígenas do Pinhalzinho nos valeremos da pesquisa de Pereira; Cervilheri:

As terras de Pinhalzinho pertenciam à ex-Fazenda Jaboticabal da Barra Grande, no então Município de Tomazina e foram doadas por Augusto de Assis Teixeira. Em 4 de junho de 1904, foi formulado o Memorial Descritivo da medição e demarcação das terras, já ocupadas por índios Guarani. A área contava com 313,5 alqueires, medida hoje alterada em razão, sem dúvida, de “práticas espoliativas” (PEREIRA; CERVILHERI, 2007, p.2).

Esses indígenas são Guarani ou mestiços devido aos casamentos com brancos, há presença também de uma (1) família Kaingang. As casas são de Alvenaria e estão distribuídas de acordo com o grau de parentesco.



A T. I. de Pinhalzinho apresenta uma distribuição da população que está diretamente relacionada com a cultura Guarani: os grupos familiares, ligados por laços de parentesco, costumam construir suas casas mais ou menos próximas formando pequenos núcleos. Assim temos dois núcleos distantes cerca de 3 Km entre si, um de cada lado da estrada que corta a reserva. Além desses núcleos encontramos outras habitações mais esparsas (PEREIRA; CERVILHERI, 2007, p.2).

Goes (2010) afirma que existem vínculos de parentesco, sociais e simbólicos entre as famílias indígenas habitantes das terras indígenas São Jerônimo – São Jerônimo da Serra; Laranjinha e Yvy Porã/ Posto Velho – Santa Amélia e Pinhalzinho – Tomazina. Talvez, por esse motivo se explique o processo de rotatividade existente, visto que constantemente algumas famílias alternadamente se deslocam para outras comunidades.

Conforme descrito no Projeto Político Pedagógico (2010), os Guarani do Pinhalzinho ainda preservam algumas tradições, mesmo tendo construído habitações modernas, ainda preservam junto a elas as de sapé, onde passam grande parte do tempo. Recentemente, foi construída uma nova casa de reza, local sagrado para os Guarani. “Ela é a casa sagrada dos pais ancestrais dos Guarani e de todos os gestos rituais ali realizados remetem ao mito de origem, que ensina como os Guarani devem proceder durante sua vida” (VEIGA, 2007, p. 87).

### **3. LÍNGUA, IDENTIDADE E CULTURA**

Para Hall “a identidade é definida historicamente e não biologicamente” (HALL, 2006, p.13). Em outras palavras, isso significa que a identidade não nos é dada ao nascer, mas sim construída em nossas relações e interações com o outro.

A identidade do índio, vista desta maneira, é, então, um fenômeno emergente, no sentido de que ela emerge, surge mesmo como resultado



da interação entre este e membros de outros grupos sociais e étnicos num determinado contexto político e econômico (MAHER, 1996, p.21).

Entretanto, essa interação referida pela autora deve ser sempre vista como conflituosa, a julgar que elas acontecem com a sobreposição de um grupo sobre o outro. “[...] as relações entre o português e as línguas indígenas no Brasil nunca foram harmoniosas e, dificilmente, poderiam ser analisadas independentemente dos fenômenos sociais” (FRANCESCHINI, 2011, p.46). Maher (1996), ainda ressalta que a interação não deve ser vista como algo que fará com que o indígena perca sua identidade étnica, uma vez que o isolamento geográfico e cultural não são determinantes para sua indianidade. Maher (1998) define a questão da identidade indígena da seguinte forma:

O “ser índio”, remete, isto sim, a uma construção permanentemente (re)feita a depender da natureza das relações sociais que se estabelecem, ao longo do tempo, entre índio e outros sujeitos sociais e étnicos: tal construção busca a) determinar especificidades que estabeleçam “fronteiras identificatórias” entre ele e um outro e/ou b) obter o reconhecimento dos demais membros do grupo ao qual pertence, da legitimidade de sua pertinência a ele (MAHER, 1998, p.116).

Fica claro pela colocação da autora que é através da interação diária e constante no espaço e no tempo com o outro que o sujeito se constrói, principalmente através da linguagem meio pelo qual o sujeito pode construir sua(s) identidade(s). Talvez, as “fronteiras identificatórias” referida pela autora estejam justamente relacionadas às diferenças do que um grupo não é em relação ao outro. “A identidade é assim marcada pela diferença” (WOODWARD, 2009, p.9).

Para esses autores (BAUMAN, 2005; HALL, 2006) a globalização é vista como principal agente transformador da identidade dos sujeitos e conforme salienta Rajagopalan (2003) a linguagem se encontra no meio desse abalo sísmico, visto que somos construídos na e pela linguagem. Em se tratando de línguas indígenas, as transformações e os impactos ocasionados pela globalização foram ainda maiores, visto que estes povos devido ao contato com não-



indígenas foram obrigados a abandonar sua língua, cultura e costumes. Assim, nos questionamos: Sendo a língua um dos principais elementos para a constituição da identidade do ser humano, será que os indígenas por terem deixado de falar a língua de seus ancestrais, perderam sua identidade indígena?

Ao ouvirmos alunos Kaingang ou Guarani falarem o português, “sentimos” que eles não falam o português do mesmo modo que nós. Parece haver uma voz, um canto que muitas vezes rejeitamos em interpretar (HONÓRIO, 2009, p. 92).

Pelas palavras da autora conclui-se que não, pois mesmo deixando de falar à língua que os identifica, esses povos mantiveram características que são próprias de sua identidade linguística, no caso o canto e a musicalidade da língua indígena. Talvez, esse modo de falar a língua portuguesa com “jeito indígena” possa ser associado à subjetividade linguística presente em cada sujeito e também como forma de resistência identitária desses sujeitos.

Deste modo, a língua portuguesa acaba mesmo não sendo uma língua meramente emprestada do branco, já que muitos índios dela se apropriam e a moldam a fim de, através de seu uso, construir e marcar suas identidades (MAHER, 1998, p. 135).

#### **4. A EDUCAÇÃO COMO ALIADA NO PROCESSO DE (RE) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Apesar dessa comunidade indígena do Pinhalzinho - PR ter praticamente perdido sua identidade linguística, há neles o desejo de recuperar um dos maiores símbolos de sua identidade indígena – a língua guarani. “Para frear um processo de perda linguística e cultural, a adoção de uma política linguística de resistência e manutenção, com aval das instituições governamentais, pelos grupos minorizados é necessária” (FRANCESCHINI, 2011, p.59).

A educação é um dos caminhos através dos quais esses indígenas escolheram para alcançar seus objetivos. Entretanto, não podemos deixar de mencionar que esta caminhada só



está no início, visto que há muitas metas a serem alcançadas. Por outro lado, temos que reconhecer que um grande passo já foi dado. Ou seja, a conscientização indígena de que qualquer projeto que se pense ou que se faça deve ter a participação efetiva de lideranças e representantes indígenas.

Nesta seção especificamente procuraremos verificar se a educação destinada à comunidade indígena do Pinhalzinho – PR tem contribuído para a (re) construção identitária e, conseqüentemente para o fortalecimento étnico desses indígenas.

A língua é um elo forte na formação da identidade indígena, assim tornar-se bilíngue passa a ser uma necessidade fundamental. Ter a língua de seu grupo étnico significa ser índio, ao passo que, ter a língua majoritária é uma forma de sobrevivência fora de suas terras indígenas (SALES, 2010, p. 33).

Nesta direção vemos a educação como importante aliada no processo de ensino-aprendizagem da língua guarani. Todavia, há que se destacar que para isso a escola deve ser um ambiente onde a língua indígena seja valorizada.

Para valorizar a língua indígena, não basta apenas alfabetizar em língua materna, mas dar à língua indígena um lugar de prestígio. Se todos os conhecimentos novos e interessantes só podem ser acessados através da língua portuguesa, faz-se um discurso implícito, mas muito eficaz, de que a língua indígena tem utilidade apenas dentro da aldeia e no contexto doméstico; para todas as demais atividades necessita-se do português (VEIGA, 2001, p.115).

Com isso se quer dizer que é preciso que a língua indígena tenha funcionalidade, isto é, que os diversos setores do conhecimento possam ser acessados também nas línguas indígenas. É evidente que isso só será possível com o apoio de instituições governamentais e com uma política linguística da qual os povos indígenas sejam participantes ativos. Monserrat (2006) enfatiza que uma língua só sobreviverá se for falada, porém esta deve ser usada por todos os membros de uma comunidade e não apenas pelos mais idosos. A autora ainda reitera que os Guarani souberam fazer isso ao longo de cinco séculos, porém atualmente já existem comunidades que estão



abandonando a língua materna Guarani em favor do português. Com base em Monserrat (2006), podemos inferir que a comunidade do Pinhalzinho – PR se encontra à beira de ter sua língua materna abandonada, pois com base em observações e entrevistas feitas até o momento, vemos que a língua Guarani só é falada pelos mais velhos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através das reflexões aqui presentes podemos concluir que os indígenas da comunidade do Pinhalzinho – PR possuem motivos concretos para reivindicar políticas em prol de sua comunidade, as quais possam contribuir para recuperação de suas identidades culturais. Entretanto, conforme explicitado ao longo do texto vemos que as identidades são construídas diariamente, isto é, elas se modificam dependendo das relações as quais vamos nos ligando no decorrer da vida. Com isso queremos dizer que esses indígenas tiveram suas identidades totalmente transformadas, principalmente devido ao contato com não-indígenas. Assim, muitos deles passaram a valorizar a cultura e a língua da sociedade dominante em detrimento da indígena.

Pode-se dizer que muitos indígenas assimilaram o preconceito existente na sociedade envolvente em relação a si mesmos e, sendo assim, julgaram-se negativamente, a si mesmos e ao seu grupo, bem como a língua que falam. E esse preconceito parece ser a principal razão para se deixar de falar a própria língua e de não transmiti-la aos filhos em prol do português (FRANCESCHINI, 2011, p.55).

Nesse sentido, cremos que a educação pode auxiliar na recuperação do orgulho étnico, atuando de forma a contribuir na formação de sujeitos críticos, reflexivos e autônomos, os quais possam intervir positivamente na comunidade em que se encontram inseridos.

### **Referências**

ISSN 1982-5935

Vol 6 N° 3 – 2012

16ª edição



BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. Línguas indígenas e português: contato ou conflito de línguas? Reflexões acerca da situação dos Mawé. In SILVA, Sidney de Souza (org.). **Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

GÓES, Paulo Roberto Homem de. **Relatório antropológico nº 01/2010**. Curitiba 08 de julho de 2010. Disponível em: <http://url20.ca/6VJ>. Acesso em: 11 de fev. 2011.

GUIRARDELLO, Raquel. Uma abordagem preliminar da etnografia da comunicação na comunidade trumai parque Xingu. In SEKI, L. (org.). **Linguística indígena e educação na América latina**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1993. p. 351 – 363.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HONÓRIO, Ceci-Maria Aparecida. Ensino de língua(s) e identidade: entre o real e o imaginário. In CORREA, Djane Antonucci e SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira. **Estudos da linguagem e currículo: diálogos (im)possíveis**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.

MAHER, Tereza Machado. Sendo índio em português. In SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado das letras, 1998, p.115-138.

MAHER, Tereza Machado. **Ser professor sendo índio: questões de língua(gem) e identidade**. 262f. Tese (Doutorado em linguística) - Instituto de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 1996. Disponível em: <http://url20.ca/5sj>. Acesso em: 10 abr de 2011.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. Língua guarani: fala e escrita. In **Cadernos temáticos: educação escolar indígena**. Curitiba: SEED – PR, 2006. P.59-62.

MOTA, Lúcio Tadeu. A pré-história indígena no Paraná. In MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769 – 1924)**. Maringá: EDUEM, 1994, p.65 – 66.

MOTA, Lúcio Tadeu. As populações indígenas no Paraná. In **Cadernos temáticos: educação escolar indígena**. Curitiba: SEED – PR, 2006. p. 11 – 15.



PARANÁ. **Projeto político pedagógico**. Tomazina: Escola Estadual Yvy Porã – Distrito Sapé, 2010.

PEREIRA, Jaqueline; CERVILHERI, Danielle Hirata. História da terra indígena Pinhalzinho. **Anais do XVI EAIC** - 26 a 29 de Setembro de 2007. Disponível em: <http://www.eaic.uem.br/artigos/CD/829.pdf>. Acesso em: 20 de fev. 2011.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado das letras, 1998, p.21 - 46.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2009, p.73-102.

VEIGA, Juracilda. Cosmologia Guarani: os Apapokuva do Laranjinha. In CABRAL, Ana Sueli Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna Rodrigues (org.). **Línguas e culturas tupi**. Campinas, SP:Curt Nimuendajú, 2007. p. 85-96.

VEIGA, Juracilda. Professores Kaingang de Inhacorá (RS): uma experiência em formação. In VEIGA, Juracilda; SALANOVA, Andrés (Org.). **Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto da escola**. Brasília: FUNAI/DEDOC. Campinas/ALB. 2001. p. 113-125.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.7-72.

PEREZ, Glauco Constantino. Cultura Guarani: Uma possibilidade de estudos. In NOVAK, Maria Simone Jacomini (org.). **Educação superior indígena no Paraná**. Maringá: Eduem, 2010. p. 145-156.